



A cultura mediada

Luís Fernando dos Reis Pereira

FILHO, João Freire; HERSCHMANN, Micael (Org.) (2006). *Novos rumos da cultura da mídia*. Rio de Janeiro: Mauad. 309 p.



Resumo: Este texto apresenta os artigos do livro *Novos rumos da cultura da mídia*, organizado por João Freire Filho e Micael Hersehmann, que aborda os temas mediação, cultura, novas tecnologias e seus desdobramentos midiáticos na sociedade, na economia e na comunicação.

Palavras-chave: mediação; mídia; tecnologia; cultura; meios digitais

Abstract: *The mediated culture* — This article comments on some of the issues discussed in the book “Novos Rumos da Cultura da Mídia” (*New Routes of the Media Culture*), organized by João Freire Filho and Micael Hersehmann, which contains articles on mediation, media, culture, new technologies and their effects on society, economics and communication.

Keywords: mediation; media; technology; culture; digital media

Como nota Consuelo Lins em seu artigo “O ensaio no documentário e a questão da narração em off”, que traz uma reflexão sobre a estética do documentário ensaístico, “o que importa não são as coisas, mas a relação entre elas”. O mesmo pode ser dito sobre o livro em que colabora, *Novos rumos da cultura da mídia*, organizado por João Freire Filho e Micael Hersehmann. Não só os artigos apresentados são importantes em si, mas, sobretudo, é relevante o panorama sobre os estudos da mídia traçado a partir do entrelaçamento dos diversos temas tratados ao longo dos quatorze textos distribuídos pelas quatro sessões da obra.

É muito comentada, principalmente nos meios de comunicação, a suposta globalização da informação que a efervescência das mídias digitais estaria consolidando, em ritmo cada vez mais rápido de crescimento e influência, devido principalmente à velocidade dos avanços tecnológicos. Encarar tal fenômeno a partir de uma visão crítica e histórica, porém, já não é tão comum, assim como procurar por novas formas de relação que se constituem através das novas mídias, tentando observar suas implicações políticas, sociais e processuais. Dessa forma, tal obra representa uma possibilidade de reflexão densa sobre as implicações das novas tecnologias midiáticas no dia a dia do indivíduo e da sociedade. E aponta alguns caminhos que podemos seguir para estabelecer comunicação com nosso entorno midiaticizado.

“Mediação” parece ser uma palavra-chave para orientar-se pela diversidade de temas tratados. A maioria dos textos nos apresenta um mundo cada vez mais mediado. Nos shows de rock ou pop em grandes ginásios ou estádios não são mais luzes de isqueiros que acompanham os compassos de baladas, mas sim as luzes de celulares que estão captando imagens e retransmitindo-as, criando uma rede de interação cujas implicações ainda não podemos avaliar completamente. Isso porque as experiências mediadas possuem traduções e prolongamentos que ainda não conseguimos medir, por serem novos os universos comunicacionais com os quais lidamos em nosso cotidiano. Mais que nunca é necessário investigar e construir visões críticas sobre os novos caminhos da mídia, para que não sejamos apocalípticos ou integrados, mas perscrutadores dessas formas de construir sentido, realidade e relação entre as pessoas e o ambiente.

Afinal, as novas tecnologias não são mais apenas influentes em pequenas porções da comunidade mundial. A popularização de celulares, computadores e outras mídias digitais é uma realidade, e elas já estão presentes nas ruas, nas casas e nos escritórios, afetando de diferentes maneiras a vida daqueles que as possuem e que são, também, possuídos por tais avanços tecnológicos. Em algum grau, vale sempre lembrar, a técnica se confunde com o ser. Nossa prática (nossos procedimentos de relação e de mediação) se torna devir. Assim, talvez a melhor maneira de nos definirmos, ainda que provisoriamente, não seja a partir do discurso sobre nós mesmos, mas pela observação daquilo que fazemos e construímos ao nosso redor, que constitui mediação para nossa exploração do mundo e suas possibilidades.

Se for verdade que as tecnologias contemporâneas nos trazem novas perspectivas e possibilidades, o conjunto do livro deixa claro que elas também nos apresentam novos desafios e problemas. De qualquer forma, é importante frisar que novas técnicas não são exclusividade da contemporaneidade, porém há que se dizer que poucas vezes a velocidade dos avanços de comunicação e de mídias, digitais ou não, foi tão alta como em nossos dias. Tal observação se faz importante para que não tenhamos a ilusão do ineditismo, ao mesmo tempo em que não devemos nos furtar de ver as diferenças que existem nas novas formas, sempre processuais, de estabelecer comunicação, fabricar entretenimento e disseminar informação.

Na introdução, já percebemos o encaminhamento que será dado. Somos aí brindados com frases de expoentes da indústria de comunicação e entretenimento ligados às mídias digitais, e remetidos às estranhezas que as novas mídias nos trazem. Desafios que indicam uma complexidade construída a cada avanço tecnológico, a cada nova forma de obter informações *on-line*. A isso podemos creditar a diversidade de temas tratados ao longo dos artigos.

Na primeira parte, “Desafios teórico-metodológicos para a investigação da nova paisagem midiática”, quatro trabalhos problematizam os desafios de investigação das novas tecnologias de mídia com as quais convivemos na atualidade. Enquanto James Curran analisa os processos de transformação das linhas teóricas da escola inglesa de comunicação, citando quatro eventos principais de influência sobre os estudos culturais, que seriam a ascensão política do liberalismo de mercado, o desenvolvimento do individualismo, o movimento feminista e seus efeitos sobre a sociedade e a potencialização da globalização, Erick Felinto nos apresenta o mundo peculiar da cibercultura, cujos conceitos e métodos para sua análise ainda se encontram em construção, novo que é o território a ser explorado e complexo em suas heranças, creditando à modernidade o nascimento de diversas questões com as quais nos deparamos ao tentar estudá-lo. Assim, propõe mapas para essas novas paisagens digitais. Seguindo, João Freire Filho discute as contradições de um sistema de mídia que ao mesmo tempo em que parece inclusivo e democrático, pode apenas ser um populismo vazio, promovendo fama efêmera e a ilusão de se fazer a diferença num mundo onde a veiculação da imagem ao estrelato não está ligada necessariamente às realizações e à construção de um espaço de participação efetiva dos atores sociais. Um mundo onde podemos decidir a vida de pessoas/imagens através de votos telefônicos ou digitais, mas onde ainda não podemos ter voz para questões importantes como a escolha de programas e grades de programação de nosso interesse, com a mesma facilidade, ao menos. Finalizando essa sessão, Bruno Campanella analisa as ramificações de suporte do reality show “Big Brother”, demonstrando como um espetáculo de origem televisiva agrega diferentes formas de participação do espectador/leitor/navegador, tornando-se um evento a ser experienciado através de diferentes plataformas, com uma participação que vai além de simplesmente observar a tela do aparelho de tevê. De tal forma que não podemos analisar esse fenômeno simplesmente pela ótica do “televisivo”, porém angariando ao nosso repertório novos instrumentos que deem conta de um sistema mais amplo e movediço, onde as nossas opções de audiência passam por diversos meios.

No segundo segmento do livro, “Produção audiovisual: questões políticas e estéticas”, apenas um trabalho, de fato, dedica especial atenção às questões de forma, que é o estudo sobre o documentário e a narração em off realizado por Consuelo Lins. Com grande destreza, expõe as modificações históricas sofridas por esse tipo de

narração nos documentários, demonstrando que recursos que podem parecer arcaicos ou ultrapassados podem sempre ser traduzidos para novas formas e adquirirem outros significados, se adequadamente trabalhados. Como exemplos, nos traz filmes de Chris Marker, Agnes Varda e Walter Salles (*Santiago*), através do qual discute “o papel do espectador diante das imagens do filme”. Já tratando de política e meios de comunicação, temos Valério Cruz Brittos e Luciano Correia Santos com uma interessante discussão do lugar da tevê pública e por assinatura numa mídia que tende a se digitalizar e construir novas formas de relação do espectador com os conteúdos apresentados, além de discutir a importância, os problemas e as possibilidades das tevês públicas num ambiente ainda marcado por vícios de um “empresariado oligopolista”. Em seguida, Suzy dos Santos nos traz um interessante panorama da radiodifusão no país, preocupada com as relações dos sistemas de rádio com políticos e empresários, além de relacionar tal questão com os desafios de um mercado global. O coronelismo do segmento é uma das maiores preocupações em sua discussão, e define alguns enunciados hereditários do “coronelismo” do setor, como as relações clientelistas de alta reciprocidade e o controle da produção com base no poder político e não no poder econômico. Muito interessante é ver o rádio, veículo que já foi profetizado como fadado ao desaparecimento devido ao surgimento da imagem como mecanismo de comunicação em massa, reaparecer em novas formas e mais forte que nunca num cenário onde as ondas de rádio se convertem em bytes a serem ouvidos através de computadores com acesso à rede.

Na terceira parte, “Crise e oportunidades para a produção, circulação de consumo musical”, as músicas e sua vinculação na rede ganham visibilidade, como ganharam com o desenvolvimento do formato mp3 e outras compactações que também trouxeram ao setor uma crise tanto financeira como de discussão dos limites e da mobilidade da questão dos direitos de veiculação na rede de materiais antes protegidos por sólidos mecanismos de direitos autorais. Micael Herschmann nos apresenta um panorama sobre a questão desses direitos, mecanismos de proteção de mídias e como se disseminam na rede as formas de enfrentar as indústrias do mainstream da produção fonográfica, observando os novos meios de produzir e divulgar trabalhos, além de como fazer dinheiro por meio das tecnologias digitais. Porém, mais importante, coloca novamente no centro dos holofotes a experiência das apresentações ao vivo, cada vez mais uma forma privilegiada de vivenciar a música. A experiência parece voltar ao centro da apreciação musical e as produções independentes ganham novo impulso com as novas tecnologias e formas de apresentação das produções ao público. Já Gisela Castro apresenta a questão de como novas formas de produção e armazenamento de música, desde o surgimento do LP e da vitrola, implica o desenvolvimento e o consumo de novas tecnologias que possam reproduzir o som que antes só podíamos ouvir em apresentação ao vivo. Hoje a obtenção de material musical está ligada a

possuir acesso rápido à internet, possuir iPods e outros armazenadores e tocadores digitais, além de estar atento às novidades do mercado. A tecnologia parece condição importante para estar ligado de maneira integral aos novos cenários da produção e divulgação musical. Marcelo Kischinhevsky volta novamente nossa atenção para as rádios e suas formas de indexação nos portais destinados a divulgá-las, oferecendo um painel sobre as formas de classificação das diferentes programações radiofônicas e sua apresentação em portais brasileiros e estrangeiros. Sugere, ademais, uma diferenciação das rádios entre segmento, uma classificação atribuída pelos próprios radiodifusores, gênero, que seriam as formas narrativas dos produtos midiáticos, como novelas ou debates, e formato, a estrutura técnica de determinado programa de rádio. Tais distinções acabam por determinar localizações virtuais de estações em portais de divulgação de rádios na web. Por fim, Adriana Amaral realiza uma netnografia do site Last.FM, com seus instrumentos que criam “identidades musicais” para seus usuários, de acordo com gostos e repertório que consomem, criando verdadeiras comunidades de usuários que compartilham determinadas preferências musicais. Essas comunidades têm tentáculos variados, que se alastram por eventos musicais, encontros de apreciadores de determinados segmentos de produção musical e mesmo de ideologias que estão ligadas a estilos musicais determinados.

Na última parte, “Novas tecnologias e desdobramentos do entretenimento”, Eugenio e Lemos discutem as novas possibilidades de entretenimento, comunicação e mobilidade a partir do uso de celulares nos espaços urbanos. A discussão vai além das questões de informação em movimento, mas configuram novas formas de mapas urbanos, de participação na construção do espaço público, uma vez que são pessoas “conectadas” que estão vagando pelas ruas da cidade e entremeando seus fluxos criativos. Henrique Antoun, Ana Carla de Lemos e André Pecini nos trazem um interessante artigo sobre a criação colaborativa na rede, com suas formas de estabelecer novos códigos, quebrar regras e procurar combater monopólios autorais, através da Web 2.0, onde os usuários passam não só a consumir informação, mas também a produzi-la, compartilhá-la e confrontar o sistema a partir de tais ações. Essa confrontação, muitas vezes anônima e descentralizada, altera cenários de controle de tecnologias e impõe às indústrias de produção de bens culturais modificações em suas formas de relação com o público, obrigando-as ora a se conformar com a exposição de seus conteúdos de forma livre na internet, ora a lutar por novas formas de controle mais difíceis de serem burladas, o que cria, nos usuários, novos impulsos de ação para quebrar tais proteções, num processo motocontínuo. Maria Inês Accioly e Fernanda Bruno encerram o volume discutindo o universo virtual interativo em três dimensões chamado Second Life e suas implicações no imaginário de seus participantes, que podem, através dessa ferramenta, construir, como o nome diz, outra vida no ambiente virtual, apontada por muitos como até mais interessante que a vivenciada na realidade. Ao perceberem

nesse “novo mundo”, um mecanismo de reencantamento do mundo, trazendo questões mesmo filosóficas, vem à mente, como o quanto de interesse temos pelas nossas vidas “concretas” e o se nossa necessidade por “outros mundos” não é uma forma de fuga, o que seria uma simplificação de nosso desejo por experienciar esses novos ambientes. De toda forma, o crescente interesse por tais universos de vivência nos dias atuais é um desafio para nossa imaginação e nossa postura no mundo.

Os artigos, em sua distribuição temática, não nos apresentam somente uma reflexão sobre a cultura da mídia, mas algo mais vasto: a própria cultura em suas novas formas nas mídias, ou nas novas mídias, como podem preferir alguns. Sendo a cultura um emaranhado de relações entre diferentes séries que não podem se determinar isoladamente, o que vemos são novas formas de manifestações culturais nas mídias contemporâneas, que também vêm a se constituir como novas séries que integram, de maneira dinâmica, a cultura, em seu aspecto mais vasto.

LUÍS FERNANDO DOS REIS PEREIRA é doutorando pelo Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

lfreispereira@gmail.com